

A EDUCAÇÃO SALESIANA E A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA NO ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO SOCIAL

Francisco Evangelistaⁱ
Sueli Maria Pessagno Caro
Antônio Carlos Miranda
Centro Universitário Salesiana de São Paulo

RESUMO

Este artigo traz um ensaio sobre algumas reflexões feitas pelos autores sobre as relações entre ética e educação na formação universitária, buscando priorizar uma cultura do pensamento, a construção de conhecimento, entendido como um espaço de reflexão crítica da realidade, e leva a acreditar que o ato educativo pode contribuir para uma acumulação de forças subjetivas contrárias à dominação, à exclusão social e ao descaso com as políticas públicas. Para tanto, a educação salesiana se coloca como interlocutora da educação sociocomunitária, pois desde sempre se orientou para as relações humanas e pela ação educativa predominantemente em espaços cuidadosamente preparados para a interação do jovem no processo educativo.

Palavras-chave: ética; educação sociocomunitária; educação salesiana; exclusão social

THE SOCIAL COMMUNITARIAN EDUCATION AND SALESIAN EDUCATION IN FIGHTING SOCIAL EXCLUSION

ABSTRACT

This article presents an essay on some reflections made by the authors on the relationship between ethics and undergraduate education, searching to prioritize a thinking culture, the construction of knowledge, understood as a space for critical reflection of reality, and what leads to believe that the educational act may contribute to an accumulation of subjective powers against domination, exclusion and neglect of public policies. Thereunto, Salesian educational philosophy arises as a mediator of social-communitarian education because it was always turned towards human relations and educational activities, mainly in spaces carefully prepared for the interaction of the youth in the educational process.

Keywords: ethics; social-communitarian education; salesian education; social exclusion

Introdução

Diante do atual sistema econômico que organiza e determina as relações sociais e políticas, a reflexão do presente texto se concentra no desafio de se educar neste início de novo milênio, levando em consideração as relações entre ética e educação na formação universitária, vivendo um tempo histórico onde o discurso das habilidades e competências orientam as propostas curriculares de formação, o que desafia as universidades e os educadores em relação ao pensar e ao agir ético, isto é, como pode ser possível um trabalho pedagógico tendo como ponto de referência um educando que normalmente é preparado para ser supereducando, munido de todas as competências e habilidades para o mercado, um educando que vive numa cultura que nega o pensamento e uma cultura do pensamento,

onde a ética é normalmente confundida com doutrinação, seja a doutrinação política, seja a doutrinação religiosa, dificultando uma ética da investigação e uma ética da ação.

Como sabemos, nenhuma educação é neutra, toda proposta pedagógica é carregada de ideologia, tendo sempre como finalidade viabilizar um tipo de sociedade. Vivendo numa sociedade excludente como a latinoamericana, cabe perguntar qual deve ser o papel dos educadores no processo de formação que se dá dentro da escola. Para Paulo Freire:

...é certo que homens e mulheres podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que chegam sua geração. E não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões (FREIRE, 2000, p.53).

Cabe perguntar que educação queremos para nossos jovens? Que sociedade queremos viabilizar? Queremos transformar a atual sociedade excludente que mantemos? Que educadores queremos formar? Qual a importância da educação escolar para a construção e manutenção de uma sociedade democrática? Como nas Universidades os educadores podem colaborar na formação da cidadania?

De nossa parte, entendemos como Paulo Freire que é direito e dever dos educadores transformarem a realidade, e que toda mudança nas relações humanas passa pelo Pensar, pelo Falar e pelo Agir dos sujeitos históricos envolvidos na educação que acontece dentro da escola, neste caso, professores e alunos.

Sendo assim, é necessário que os educadores assumam seu papel de intelectuais orgânicos, preocupados não só com o domínio e transmissão dos conteúdos escolares, como também na formação política de seus educandos, unindo assim conhecimento e ação, teoria e prática, sem o qual nenhum esforço pela mudança social pode ser bem sucedido. É necessário que os educadores tenham clareza de seu papel político na vida social, caso contrário, acabam por consolidar os interesses da atual onda neoliberal que a tudo e a todos quer enquadrar. É necessário que os educadores preparem seus alunos para a autonomia intelectual e moral, onde o pensamento e o conhecimento são aplicados na orientação da própria existência. É preciso estar atento quanto a atual tendência da educação, que prioriza a preparação para o mercado de trabalho e não mais a formação integral do ser humano. A preocupação capitalista em priorizar na educação os aspectos econômicos em detrimento dos aspectos humanos, tem gerado distorções no processo ensino-aprendizagem. Como nos alerta Gramsci:

A tendência atual é de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada), e “formativa”, ou de conservar apenas em seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual (GRAMSCI, 1979, p.33).

Cabe então refletir sobre as interfaces da educação salesiana e sociocomunitária diante do fenômeno da exclusão social, tendo como referência a educação ética presente na

formação dos educadores preocupados com o atual desencanto na educação, acreditando ser possível pela educação um trabalho efetivo em direção das mudanças necessárias à organização social, política e econômica latinoamericana. Acreditamos que se a educação sozinha não pode transformar a realidade, tão pouco sem ela a transformação se concretiza. Concordamos com Gentili e Alencar quando afirmam:

Aqueles que defendem a escola pública dizem, com bastante razão, que ela se encontra ameaçada pelas políticas de ajuste e privatização promovidas pelos governos neoliberais. Sustentam que tais políticas reforçam as tendências antidemocráticas que historicamente caracterizaram o desenvolvimento dos sistemas educacionais, criando novas formas de segmentação e dualização institucional, cuja consequência mais evidente é o questionamento do direito à educação de uma boa parte da população (GENTILI, 2001, p.17).

O desafio atual na educação é fazer frente ao processo de globalização de todas as dimensões da vida humana, enfrentar a massificação embutida nos meios de comunicação social que buscam formar e manter a todo custo a chamada aldeia global e o cidadão do mundo, procurando nivelar todos a um determinado padrão cultural.

Nesse sentido, é necessário pensar na formação das crianças, dos jovens e dos adultos, tendo como perspectiva os valores éticos, isto é: o pensar e o agir ético e sua importância na construção de uma sociedade democrática. Sendo assim, pensamos ser urgente uma mudança na formação dos professores, buscando priorizar uma cultura do pensamento em sala de aula e não a preocupação exclusiva na formação de supereducandos, dotados de todas as habilidades e competências para o mercado de trabalho; uma formação não doutrinária, viabilizada por uma ética da investigação e uma ética da ação.

No que diz respeito aos jovens e adultos das universidades, ressaltamos o pensamento de Villar (2011) que as posicionam como um local de construção de conhecimento, entendido como um espaço de reflexão crítica da realidade, no desempenho do seu papel que pode influenciar a cultura das pessoas, e leva a acreditar que o ato educativo pode contribuir para uma acumulação de forças subjetivas contrárias à dominação, à exclusão e ao descaso com as políticas públicas.

Outro aspecto importante na universidade é a extensão para o exercício da cidadania e seu compromisso social está na formação dos futuros profissionais que conscientes da realidade devem exercer sua cidadania em benefício da sociedade.

No momento, nas instituições de ensino superior, buscamos formar profissionais que se apresentem para trabalhar com a realidade social. O viver em uma sociedade de direitos traz um amplo campo de valores que são desenvolvidos na história de vida desse futuro profissional, por meio de uma formação responsável e realista. Os direitos humanos somente serão compreendidos mediante a conscientização da importância do outro na convivência social. Considerando a relevância de uma educação preocupada com o desenvolvimento pleno do ser humano e com uma convivência saudável, é necessário analisar como esses profissionais estarão prontos em sua formação para a condução desses valores. Conclui-se que não se pode falar em formação, sem antes buscaras questões básicas de conhecimento humano e, principalmente de considerações sobre o outro e a sociedade (CARO, 2011).

A realidade humana é complexa, tornando um desafio uma Educação para o Pensar dentro das salas de aula. O ser humano pensa, fala e age e é nestas ações que pode ocorrer

a ética na vida social. Contudo, nem sempre existe coerência entre o pensar, o falar e o agir, o que torna um desafio a formação ética e a manutenção da democracia.

O existir humano é marcado por três dimensões que perpassam as relações entre os homens na sociedade: Eu-Eu, Eu-Outro, Eu-Mundo, e é neste contexto que se desenvolve o pensar e o agir ético.

Essas três dimensões espelham o desenvolvimento do existir humano, que se dá numa inter-relação na qual o eu, o outro e o mundo devem ser plenamente assimilados e compreendidos para que as ações possam ser tomadas de forma consciente pelo sujeito que as pratica.

Uma outra dimensão que também está presente nas ações humanas, é a transcendente. Muitas vezes, essa dimensão se torna prioritária, na história, para a realização de uma ação. Entende-se por transcendente a relação do ser humano com o poder externo, anterior, criador, sagrado e absoluto, aquilo que transcende o existir humano e, ao mesmo tempo, lhe dá sentido.

Neste ponto, podemos pensar na seguinte questão: como as propostas educativas fundamentadas na espiritualidade conseguem atingir com mais sucesso seus objetivos educacionais? O que as diferenciam das outras?

O jovem, nos dias de hoje, está em constante busca por sua identidade e pelo sentido de vida. Eles sentem a necessidade de algo mais, mas não conseguem intuir, como diz Scaramussa (2013) o essencial para além de desejo, necessidade, vontade... A dimensão espiritual, o sentido da vida...

Percebemos uma série de fenômenos na vida juvenil hoje que nos interpelam como sintomas da busca de identidade e de sentido, como a volta do religioso, com práticas que se assemelham a outras encontradas no mercado de consumo que podem satisfazer momentaneamente, sem maior interiorização de fé e, especialmente, sem comprometimento vivencial e eclesial. Outro aspecto é o difícil caminho da busca da identidade que se afirma e cresce no encontro com os outros, no confronto com a alteridade, e é reforçada pelo reconhecimento que recebe dos outros. Nem sempre pais e educadores percebem as grandes mudanças que acontecem no mundo juvenil, e conseguem ajudar o adolescente e o jovem a encontrarem sua identidade pessoal (SCARAMUSSA, 2013).

Trazer essas dimensões (Eu - Eu, Eu - Outro, Eu - Mundo) para o campo da ética e da cidadania é apontar possíveis caminhos para o trabalho do educador. Pensar uma proposta de formação tendo como eixo o pensar e o agir ético pressupõe discutir os valores que permeiam as relações sociais, tais como: consciência, liberdade e responsabilidade, o justo e o injusto, o certo e o errado. É pensar nos fundamentos históricos que formam os valores humanos.

Um dos grandes desafios da atualidade é como formar jovens com noções claras sobre seu lugar no mundo, de como viver e trabalhar honestamente numa sociedade pluralista e democrática, e ao mesmo tempo, ensinar como sobreviver através de decisões rápidas, navegando em vastos espaços informacionais e *marketing* pessoal.

Uma questão que se coloca diante desse quadro é sobre o papel dos educadores na formação dos jovens universitários, pois vivendo numa sociedade excludente como a Latino Americana, a educação ocupa um lugar importante na luta pela efetivação da democracia. Sendo assim, a reflexão necessária é saber qual educação, qual ética, qual cidadania queremos. Iniciando um novo milênio é preciso ter claro que sociedade queremos, pois toda educação tem por meta a construção de um “ideal de sociedade” e, por conseguinte, um ideal de pessoa e cidadão.

1. Educação e Exclusão Social

As aproximações e reflexões sobre formas de integração das populações vulnerabilizadas no enfrentamento das questões referentes à exclusão social, nos traz de forma singular as expectativas de encontrar um conjunto de ações que ajudem no combate as desigualdades de toda ordem, motivados pelo reestabelecimento da justiça ou pela ameaça de pressão que exercem todos aqueles que não encontram lugar a partir da organização tradicional da sociedade. Alerta Castel (1998):

Qual é o limiar de tolerância de uma sociedade democrática para o que chamarei, ao invés de exclusão, de invalidação social? Tal é, a meu ver, a nova questão social. O que é possível fazer para recolocar no jogo social essas populações invalidadas pela conjuntura e para acabar com a hemorragia de desfiliação que ameaça deixar exangue todo o corpo social? (CASTEL, 1998, p. 34)

É certo que ações emergenciais por parte do poder público podem aparentar uma solução as populações que carecem desse tipo de ações dada a situação a que se encontram, ao mesmo tempo em que adia a possibilidade de encaminhamentos mais próprios para população excluída, neste aspecto o tratamento destes cidadãos com plenos direitos, pode ser irremediavelmente substituído pelo modelo inspirador da política de atender os excluídos como parte de uma massa de consumo e aí o simples repasse de renda atende as demandas mais emergenciais, naturalmente enquanto os programas sociais puderem existir na condição de atender minimamente as demandas das populações vulnerabilizadas, porque sempre estarão a reboque das condições de mercado. “A problemática da coesão social não é a do mercado, a solidariedade não se constrói em termos de competitividade e de rentabilidade.” (CASTEL, 1998 p.523)

O hiato entre a organização política e o sistema econômico permite assinalar, pela primeira vez com clareza, o lugar do “social”: desdobra-se nesse entre-dois, restaurar ou estabelecer laços que não obedecem nem a uma lógica estritamente econômica nem a uma jurisdição estritamente política. O “social” consiste em sistemas de regulações não mercantis, instituídas para tentar preencher esse espaço. Em tal contexto, a questão social torna-se a questão do lugar que as franjas mais dessocializadas dos trabalhadores podem ocupar na sociedade industrial. A resposta para ela será o conjunto dos dispositivos montados para promover sua integração. (CASTEL, 1998, p. 31)

A prioridade é fazer uma opção política intencional considerando o conjunto da comunidade com um modelo pan-óptico, segundo uma dimensão-ética-valorativa constituída por valores como a, tolerância, solidariedade, justiça, e prudência; almejados em qualquer processo de transformação cidadã, que devem ser assumidos por toda a comunidade para o exercício da mudança.

Por um lado, falta ao mercado, entre outras coisas, a sensibilidade social que permite atender os que, pelas mais diversas razões, exigem mais tempo, mais dinheiro e melhores recursos para obter o sucesso educativo a que têm direito. Por outro lado, o Estado social não pode estar limitado (como querem os defensores de políticas neoliberais neste domínio) a

cumprir as funções de “carro-vassoura” dos excluídos que o mercado, por questões de rentabilidade e eficácia, enjeita. (BARROSO, 2006, p.276)

Diante dos dilemas da exclusão e sua incapacidade de superação, para Barroso (2006) ganha sentido a redescoberta da “comunidade”, Laville (1997, p.41) *apud* Barroso (2006, p. 286) afirma que “a associação não pode ser considerada unicamente como um processo que agrupa indivíduos unidos por valores ou interesses comuns; ela implica uma adesão voluntária supondo um horizonte de inteligibilidade, de significação, que é necessariamente de ordem intersubjetiva.[...] Além da abordagem em termos puramente contratuais, pode dizer-se que a associação pertence também à ordem da construção comunitária. [...]”

Esta perspectiva sociocomunitária, que se afasta das perspectivas utilitaristas, normativas ou estritamente comunitaristas do movimento associativo, valoriza a ideia de que as associações são, sobretudo, meios para a definição de compromissos públicos por referência a um bem comum, tornando-se, assim, “espaços que permitem operar a passagem da esfera privada e esfera pública através de um encontro interpessoal” (ibidem). (BARROSO, 2006, p. 286)

Neste contexto a natureza sociocomunitária da educação pode abrigar novas formas de acolher os atos educativos que se mostram insuficientes diante da volatilidade das relações pessoais no âmbito social e de forma especial na escola, se a escola esta universalizada no acesso, certamente não esta universalizada na qualidade social do ensino que oferece para todos. Em alguma medida a liderança do coletivo da instituição não preserva as esferas do indivíduo e do próprio coletivo, tendo como consequências imediatas um coletivo que sufoca o professor e o professor isolado que impõe sua vontade unilateralmente.

Cabe salientar que a ligação da educação sociocomunitária como uma das formas de atender a população excluída, pode invariavelmente conduzir a uma contradição, pois esta educação sociocomunitária não pode deixar de fora nenhum dos seguimentos sociais que dela possam emergir em associações de qualquer ordem que tenha como princípio o bem comum, a fim de promover a justiça social.

Gewirtz, Cribb (2013, p.129) *apud* (POWER; GEWIRTZ, 2001) descreve as várias facetas da justiça social dentre elas a justiça associacional definida pela ausência de “padrões de associação entre indivíduos e entre grupos que impedem algumas pessoas a participarem plenamente da decisões que afetam as condições nas quais elas vivem e atuam” e reforçam a ideia que as tensões dentro e entre as facetas de justiça precisam ser reconhecidas e enfrentadas.

Gewirtz, Cribb (2013, p.130) ressalta que [...] uma das implicações em aceitar que a justiça social apresenta facetas culturais e associacionais bem como redistributivas, é que a responsabilidade pela justiça social é difusa. A promoção da justiça social não pode mais ser vista como responsabilidade exclusiva do Estado. Se aceitarmos, por exemplo, que a justiça social requer o reconhecimento de diversas entidades e modos de associação inclusivas e não marginalizadoras, somos, de fato, todos responsáveis pela promoção de justiça social. [...] De fato, devemos pois, assegurar que em nossa vida cotidiana seja na relação pessoal ou institucional a justiça social ancore nossos princípios e ações, no entendimento dos dilemas práticos que são encontrados por aqueles que estão sujeitos a injustiça, dilemas estes que podem ser compreendidos com as análises das práticas de promoção da justiça social, visando a superação ou a solução na realidade.

2. Educação Salesiana e Educação Social

A ação dos salesianos em todo o mundo destaca-se pela dedicação aos excluídos e marginalizados pela sociedade. O objetivo do fundador da Congregação, Dom Bosco, foi sempre olhar para os jovens que se apresentavam em situações de grande desproteção, para com eles, construir um projeto de vida digna e assim, formar cidadãos capazes de conviver em uma sociedade mais justa e igualitária. Essa proposta educativa nasceu com sua experiência com os jovens marginalizados, nos meados do século XIX em consequência da Revolução Industrial na Itália.

A proposta pedagógica, chamada de Sistema Preventivo traz, além de seu reconhecido sistema de educação, a maneira de pensar e agir com os jovens, muito além da visão que todos tinham na época. A coerência das atitudes de Dom Bosco, demonstrava ser ele um grande observador e conhecedor do comportamento humano, alguém capaz de apresentar caminhos de crescimento, pela confiança que depositava nas capacidades dos jovens excluídos.

Sua experiência educativa se identificava com características muito pessoais: tornou-se um estilo de vida, um método educativo vivido intensamente e apenas, em parte, formulado. Dom Bosco pretendia, realmente, promover a juventude que estava em suas mãos. Para alguns jovens, era necessário pensar até nas condições imediatas e elementares, porém, o programa que desenvolveu foi além. Procurou, de todas as formas, criar condições para possibilitar o crescimento humano-religioso-cristão dessa juventude. Juntamente com o fim religioso e transcendente havia a valorização da dimensão humana e natural. Por isso, na mente e na sua ação educativa, ao lado de “bom cristão” estava a preocupação de formar o “honesto cidadão”.

O sentido humanístico de sua pedagogia transparecia na relação paterna e pessoal do educador com o educando e no clima de liberdade que caracterizava a sua metodologia. Preocupava-se com os interesses imediatos dos jovens, com sua situação social, sua profissionalização e suas responsabilidades futuras. Posicionava a pessoa do educando na base e no centro de sua atividade educativa.

Entre as exigências juvenis mais fortemente sentidas por Dom Bosco estavam as necessidades de afeto e de familiaridade. Para garantir esses aspectos na ação do educador, além da religiosidade, ressaltava a racionalidade e a “amorevolezza”, muitas vezes, traduzida por bondade ou bem querer, é o afeto demonstrado. Implica em constante caridade, modos afáveis, tolerância, paciência inalterável e presença afetuosa e contínua do educador entre os alunos.

Movido por diversas razões psicológicas, históricas e religiosas, Dom Bosco chegou à conclusão de que a educação também era obra do ambiente e que se realiza de uma forma mais natural numa estrutura educativa familiar. Dom Bosco, quando falava em Sistema Preventivo, tinha em mente um modo de agir, um complexo de procedimentos educativos, que implicavam em convicções, ideias, razão e fé, que constituíam o seu modo de tratar, educativamente, os jovens.

Os salesianos no Brasil

A história dos Salesianos no Brasil começou em 1883, quando um grupo de religiosos vindo da Itália, encaminhados por Dom Bosco, chegaram para colocar em prática seu carisma e pedagogia – baseados na “razão, na religião e no carinho” e atender

as necessidades de uma população jovem e carente. Em princípio, se dedicaram ao ensino primário e das artes. Posteriormente, ao ensino secundário.

Naquela época, a Congregação Salesiana tinha fama de ser um símbolo da renovação na área de educação e era bem vista por dedicar-se aos jovens carentes, filhos de escravos beneficiados com a Lei do Ventre Livre e jovens imigrantes italianos, que vinham tentar a sorte no Brasil, independente do regime monarquista ser contra a Igreja e esta, por sua vez, passar por uma crise institucional.

Com o passar do tempo, a dedicação à educação, estende-se a outras classes sociais, entendendo-se que todos os jovens, na circunstância de vulnerabilidade em que se encontra suas vidas pessoais e sociais, são dignos de atenção e cuidados. Assim, o trabalho salesiano amplia-se para o ensino privado e estende-se por todo o país.

Entretanto, buscando cumprir com os primeiros trabalhos de Dom Bosco, nunca se deixou a dedicação aos jovens e famílias desfavorecidas economicamente. São enormes e dignos de admiração os projetos sociais desenvolvidos pelos salesianos desde o início do século XX, na realidade tão carente e marginalizada do Brasil.

O grande referencial desta proposta pedagógica está na importância da atuação do educador. Segundo Ronco (1976), o estilo da convivência com os jovens não é uma simples técnica educativa, mas provém de real e profundo afeto por eles. Demonstração do afeto de maneira perceptível ao educando. Afeto ativo e sobrenatural pelos jovens, visando o seu crescimento integral. Afeto incondicional pelos jovens, que permanece, apesar das suas faltas e que também se manifesta na compreensão e na brandura dos castigos. Afeto equilibrado e racional, jamais conturbado pelo egoísmo sensual ou por atitudes doentias. O segundo aspecto diz respeito ao estilo educativo da compreensão e aceitação incondicional como facilitador do desenvolvimento de pessoas criativas e felizes. A “aceitação incondicional” implica em nunca negar o afeto, mesmo quando o educando cometa falta, em procurar compreendê-lo, sentir os fatos do seu ponto de vista, permitir que ele mesmo encontre o caminho para o seu crescimento. O terceiro aspecto analisa o processo psíquico da identificação do educando com o adulto significativo para ele, e os problemas e consequências educativas desse fato.

As ações dos Salesianos

Os salesianos começaram seus trabalhos com escolas profissionais e agrícolas e sempre preservaram junto às escolas de educação formal, projetos socioeducativos para atendimento da população excluída. Na Inspeção de São Paulo, na década de 50 do século passado, Pe. Carlos Leôncio da Silva, pedagogo e teólogo, nascido em Recife, em 1887 e fundador do Instituto Superior de Pedagogia do Ateneu Pontifício Salesiano de Turim – Itália e diretor da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, já tinha proposto um Curso de Educação Social, na década de 50, preocupado com a formação de educadores que trabalhavam nas obras sociais salesianas (CASTILHO, 2008).

Durante algumas décadas, não houve uma continuação ou aprofundamento nesta área, mas os salesianos sempre promoveram encontros de formação para seus educadores, que deveriam entender e atuar segundo a proposta do fundador da congregação. Em 1997, com a criação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, a preocupação com a formação de educadores sociais se fez novamente presente e, assim, iniciou-se o primeiro curso de especialização em educação social. Esses cursos envolveram educadores de todo o país e a principal preocupação era oferecer aos educadores uma conscientização de viver em uma sociedade de direitos, que se deve preocupar com a formação e promoção dos

jovens. O conteúdo envolve questões jurídicas e sociais da criança e do adolescente, aspectos psicológicos envolvidos no desenvolvimento e uma pedagogia apropriada para se trabalhar com a realidade excluída da nossa sociedade. As primeiras produções na área foram acontecendo e esta formação se estendeu à toda comunidade. Na cidade de Campinas, este curso acontece desde o ano 2000, juntamente com um Encontro de Pedagogia Social, quando se reúnem educadores tanto da área formal como não-formal e educadores da rede privada e pública da região. A educação social também passou a fazer parte dos currículos de alguns cursos da graduação. Hoje, esta iniciativa se concretiza com o Mestrado em Educação Sociocomunitária e com a formação de estudiosos e pesquisadores que retornam à academia para a sistematização de suas experiências e elaboram seus conhecimentos nesta área. Anualmente, formam-se cerca de 20 mestres ao ano, que continuam com a missão de construção dessa educação que se diferencia pela busca de uma mudança social e por um mundo mais justo.

Juntamente, com esta dedicação a uma atuação social em toda comunidade, que a congregação está inserida, cresce a demanda pelo Ensino Superior e a necessidade de acompanhar esses jovens em seus próximos passos à maturidade. Frente às necessidades desses programas de atendimento e do próprio campo de ensino, pesquisa e extensão do Centro Universitário, vem se unindo forças pela proximidade dessas ações. Abre-se, assim, um campo para pesquisas, um grande enriquecimento de conteúdo do ensino e uma ação extensionista, que além de oportunizar aos alunos, uma ampla aprendizagem, proporciona um grande benefício à comunidade.

3. Educação Salesiana e suas interfaces com a Educação Sociocomunitária

Os estudos sobre a educação salesiana tem sistematicamente encontrado a proximidade da ação educativa salesiana com os conceitos da educação sociocomunitária. Segundo Isaú (2007) “para aprofundar esses estudos precisamos traçar, do ponto de vista teórico-metodológico, a evolução histórica do modelo de comunidade e de vida comunitária, denominada “vida de família”, praticado e vivido pelos salesianos em suas instituições educativas desde o início de sua história com S. João Bosco. Dessa maneira, pretendemos conseguir subsídios para ajudar a definição do conceito de educação sociocomunitária, um conceito ainda em construção”. Para Isaú (2007)

Por *educação comunitária*, em princípio, seria a educação realizada numa comunidade para viver em comunidade e realizar-se com a participação desta e para o desenvolvimento desta sem descuidar da realização da própria pessoa humana. Já a *educação social* realiza-se na sociedade, para o desenvolvimento da sociedade, ampliando o âmbito da educação comunitária, pois entendemos que a sociedade é a integração das comunidades em um organismo mais vasto, o “mundo social”, ou “superorganismo”. Em ambos os casos a educação individual só se concebe integrada nas duas estruturas, para a própria realização individual. Por isso chamamos de *educação sócio-comunitária*. Finalmente, é muito difícil conceber a educação sem que ela seja por si mesmo (ISAÚ, 2007, p.6)

O modo operativo da mudança de paradigma se encontra refém do sistema, com ações apenas de caráter técnico o que lhe confere a marca sempre provisória quando falamos de educação. Marx apud Manacorda (2010, p.102) pondera, [...] Por um lado, é

necessária uma mudança das condições sociais para criar um sistema de ensino correspondente, e, por outro lado, é necessário ter um correspondente sistema de ensino para mudar as condições sociais. Por isso, devemos partir das situações existentes [...]

As condições existentes faz a ligação da educação salesiana com a formação para o trabalho, o que remonta a um de seus princípios de fundação. Assim escrevia Manacorda sobre Dom Bosco: “Sua obra destaca-se tanto pela reflexão pedagógica, como pela iniciativa da educação popular profissional” (MANACORDA, 1995, p.295), Dom Bosco é sensível aos acontecimentos de sua época e se mobiliza com as necessidades de uma juventude sem perspectiva.

Deve-se ter presente, por outro lado, que a situação real, na metade do século XIX, era de que as crianças pertencentes às classes trabalhadoras ainda não possuíam qualquer direito ou possibilidade concreta de acesso ao ensino escolar, reservado às classes possuidoras, e já haviam perdido a possibilidade de participar da única forma de ensino a eles reservada por séculos ou milênios, isto é, aquela que se desenvolvia, não em instituições educativas expressamente reservadas ao desenvolvimento humano das crianças, ou escolas, mas diretamente no trabalho, junto com os adultos, na produção artesanal ou campesina. (MANACORDA, 2010, p.105)

Neste contexto os ofícios em sua simplicidade original, integraria o processo da vida, com a contribuição da técnica e da formação humana, neste tempo a experiência educativa de Dom Bosco era encaminhada para a educação pelo trabalho. De maneira singular se faz necessário entender que o objeto de estudo da pedagogia é a educação, portanto a educação na sua forma mais ampla acolhe os princípios de formação salesiana, o que a primeira vista não se aplica a didática cujo objetivo de estudo é o ensino. Assim Ferreira (2008, p.6) escreve: “tenta-se, sem êxito, uma aproximação do sistema educativo de Dom Bosco a métodos usados prevalentemente como didáticos – construtivismo e outros. Sem êxito sim, porque Dom Bosco, se ocupa prevalentemente das relações humanas que existem nas instituições de educação ou em outras instâncias sociais, e que condicionam o processo de aprendizagem. Seu método educativo não se insere na didática propriamente dita”. Neste íterim “diferenciando educação, de ensino, seria interessante refletir com as palavras de J.M. Guyau, quando diz que "educar a um homem não é ensinar alguma coisa que não sabia, senão fazer dele o homem que não existia." (GUYAU, J apud. ISÓIS, J. 1976, p. 14)

Por conseguinte, os métodos na educação salesiana são os mais diversos, mais a ação educativa assume um papel central no movimento que desde sempre se orientou para as relações humanas, uma educação que depende das dimensões temporais e espaciais, assim ela se dá de forma gradual no tempo da convivência social e na ação educativa predominantemente em espaços cuidadosamente preparados para a interação do jovem com no processo educativo. Um dos nossos desafios é responder: o que estamos oferecendo aos nossos alunos sob a égide da educação salesiana? o que temos para o tempo livre como formação ou educação, atividades culturais? o incentivo as vocações individuais? a abertura para atividades desinteressadas de qualquer juízo de valor? (imaginação), e não imediatamente produtiva sobre os aspectos mais utilitaristas. A experiência comunitária segundo o P. Pascual Chávez Villanueva reitor-mor (2009) abre caminhos pois.

Para Dom Bosco toda obra salesiana deve ser uma “casa”, isto é, família para os jovens que não têm família; ambiente no qual se privilegiam as relações pessoais, a presença e o diálogo dos educadores entre os jovens, o protagonismo juvenil e a vida de grupo, como lugar privilegiado de personalização. Dom Bosco fez do grupo a opção qualificadora da sua pedagogia: o grupo como lugar no qual os jovens vivem a busca de sentido e a construção da própria identidade; espaço de criatividade e protagonismo; escola onde aprendem a inserir-se com responsabilidade no mundo social e no território; mediação privilegiada da experiência de Igreja. Dessa forma, o grupo torna-se também ambiente da partilha e diálogo entre jovens e adultos, no acompanhamento recíproco e no intercâmbio de entrega contínua. Esta experiência comunitária desenvolve um novo estilo de relação educativa caracterizada pela amabilidade que é amor manifestado e vivido na medida do jovem, particularmente do mais pobre; amor expresso por meio de gestos de familiaridade que manifestam o gosto e o desejo de estar com os jovens e participar da vida deles e das suas iniciativas; amizade que abre o coração do jovem à confiança e torna possível a comunicação educativa que sabe falar ao coração, tocar a profundidade da consciência, infundir segurança interior nos jovens e sustentar o esforço do seu crescimento humano e cristão. Para o educador salesiano, o “lugar educativo” fundamental no qual ele vive esta experiência comunitária é o pátio, o ambiente da iniciativa e da criatividade juvenil, do seu protagonismo e espontaneidade. Nele os educadores têm a tarefa de participar, favorecendo a criatividade e o protagonismo juvenil, oferecer uma palavra de encorajamento e motivação, e promover a vida de grupo e iniciativas culturais, sociais e religiosas significativas. (VILLANUEVA, 2009, p.18)

Além dos espaços mais tradicionais de interação pessoal, vivemos em um mundo que cada vez mais ganha força as interações virtuais entre as pessoas, não podemos, pois, desmaterializar o mundo social através da tecnologia, ou mesmo ficar subjulgados por uma sociedade que se cria em função de uma nova epistemologia onde o mercado dita as regras. A rede “locus” privilegiado de homogeneização do conhecimento, avaliações instantâneas e monitoramento, onde as fronteiras geográficas se mostram insuficientes para a regulação e sem “*apriori*”, um entendimento da racional ética na vinculação destas informações.

Entre os dilemas da práxis encontrasse o professor como aponta Gimeno Sacristán (2000 p. 178) “[...] possui significados adquiridos explicitamente durante sua formação e também outros que são resultado de experiências continuadas e difusas sobre os mais variados aspectos que possamos distinguir num currículo: conteúdos, habilidades, orientações metodológicas, pautas de avaliações, etc. Qualquer inovação que se lhe proponha alterará suas bases conceituais, os mecanismos de segurança pessoal e o próprio autoconceito dos professores [...]”

Considerações Finais

Ainda hoje os jovens constituem, em todas as sociedades um dos grupos mais expostos aos graves problemas do mundo atual: incertezas da economia, desemprego, fome, deterioração do meio ambiente, toxicomania, delinquência, violência, analfabetismo, evasão escolar, entre outros. Espera-se, sobretudo que a juventude seja capaz de produzir

mudanças desejáveis, acelerar o processo de desenvolvimento político, social e econômico e resolver problemas que as gerações anteriores não souberam ou quiseram resolver.

A presença da educação salesiana no ensino superior congrega entre outros objetivos os de contribuir para a formação integral de cidadãos através da produção e difusão de conhecimentos e de cultura em um contexto de pluralidade, tendo como princípio a relação pessoal que constitui a base do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Relação que se fundamenta na valorização, no respeito e na acolhida incondicional do educando, que se constrói sobre o diálogo e a confiança no ser humano e possibilita a oferta personalizada de propostas educativas.

Assim, a concretização dos valores requer estudantes protagonistas e corresponsáveis, profissionais e professores competentes em sua área de atuação, responsáveis em relação aos seus compromissos, com sensibilidade para o mundo juvenil, capacidade de acolhida e de ser presença junto aos estudantes e identificados com o projeto institucional.

Do ponto de vista social, o desenvolvimento econômico do jovem não representa um fim em si mesmo, mas um meio para se alcançar os objetivos de uma sociedade que não é apenas material. E neste sentido, a ensino superior é uma das condições para o desenvolvimento do indivíduo, segundo os valores de liberdade e dignidade do homem, seu direito a viver e trabalhar em melhores condições que antes.

Neste contexto, o ensino superior se insere num conjunto global de ações de ordem social, cultural e econômica. Não se pode pensar em ações isoladas, dissociadas da realidade e sem um vínculo com a comunidade, esta modalidade de educação, aliada às demais, forças sociais, se empenha na busca de soluções e alternativas que promovam a melhoria das condições de vida das populações em geral.

Referências

BARROSO, J. Incluir, sim, mas onde? Para uma reconceitualização sociocomunitária da escola pública. In: *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. David Rodrigues (org.). São Paulo, SP: Editora Summus, 2006.

BRAIDO, P. *La experiência pedagógica de Don Bosco*. Roma: LAS, 1989.

BISSOTO, M.L., MIRANDA, A.C.(orgs) *Educação Sociocomunitária: tecendo saberes*, Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

CASTILHO, E. D. *As contribuições de Carlos Leoncio da Silva para a história da educação brasileira*. Tese de Doutorado em Educação. UNIMEP, 2008.

CARO, S.M.P. A cidadania e os direitos humanos na formação do educador social. In: Congresso Iberoamericano de Pedagogia Social. *Anais...* Canoas-RS: ULBRA, 2011.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução: Iraci D. Poleti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FERREIRA, A. S. (introdução, notas e comentários) *Não basta amar- a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GENTILE, Pablo. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GEWIRTZ, S.; CRIBB, A. Concepções plurais de justiça social: implicações para a sociologia das políticas, *in: Políticas educacionais: questões e dilemas*. Stephen J. Ball, Jefferson Mainardes (orgs). São Paulo: Cortez, 2011.

GIMENO SACRISTÁN, J. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*/tradução Ernani F. da F. Rosa. – 3ª edição - Porto Alegre: Artmed, 2000, 352 p.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

ISAÚ, M. Da Educação Social à Educação sociocomunitária e os salesianos, *in: Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.26, p.2 –24, jun. 2007 - ISSN: 1676-2584.

ISÓIS, J. *Pedagogia Rimada*. Ciudad de México: NGMPM, 1976.

MANACORDA, M. A. *Marx e a pedagogia moderna*; tradução Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2ª edição

MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*; tradução de Gaetano Lo Monaco; revisão da tradução Orsa dos Anjos Oliveira e Paulo Nosela – 4ª edição – São Paulo: Cortez, 1995.

NEGRÃO, A. M. M. *Arcadas do Tempo – Liceu tece 100anos de História*. São Paulo: Dórea Books end Art, 1997.

RONCO, A. *O afeto, princípio metodológico da educação salesiana à luz da psicologia contemporânea*. Cadernos Salesianos, 1976 (3), 16-26

SCARAMUSSA, Tarcísio. *Atualidade e Repensamento do Sistema Preventivo de Dom Bosco*. Revista Ciências da Educação, ano XV, n.28, jun 2013, pp 107-131.

VILLANUEVA, P. C., A missão salesiana e os Direitos Humanos especialmente os Direitos dos Menores, *in: Sistema preventivo e direitos humanos, coleção protagonista 2009*, circulação interna, Inspeção Salesiana de São Paulo. <http://www.inspeccoesalesiana.com.br/site/public/site/arquivos/ee0a119a67.pdf>

VILLAR, Ana Eugênia. Extensão universitária: concepções e ações na UFRN sobre a temática direitos humanos e justiça no período de 2008 a 2010. *Dissertação (Mestrado em Serviço Social)* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

ⁱ A correspondência acerca deste artigo deve ser feita para este email: francisco.evangelista@am.unisal.br